

.miau!

Porto, 10 de Março de 1916

Redação e Administração:
Rua 54 da Bandeira, 136 - 2.º — Telefone 1055.

PROPRIEDADE DA EMPRESA
MIAU!

EDITOR: **Mário d'Oliveira**
Composição e Impressão: LITOGRAFIA NACIONAL
Rua de Malmerendas, 20—Porto.

Turismo moderno



Oh yess! é a quarta vez que naufrago esta semana submarinado pelos alemães!...
Wery Well!... o medico tinha-me recomendado distrações!...

Desenho de Leal da Câmara.

DEPOIS DO CARNAVAL

Constatou-se—se nos é permitido arrearlar com este verbo o sr. Candido de Figueiredo—que o Carnaval, se não foi de um grande brilho, foi de muita animação. Esta circunstancia contrastou singularmente com as tristezas do tempo, firmadas nas dificuldades da vida e nas incertezas dos dias que hão de vir. O que concluiu de ahi o filosofo? Que o povo ou não tem vergonha na cara, para consentir em divertir-se quando tudo são lagrimas e tristezas, ou chora sem razão quando faz o doloroso estendal das suas queixas.

O filosofo não tem certamente razão. A necessidade de rir, como a de dormir, como a de comer, como a de antes pelo contrario, é uma condição imperiosa da existencia. O homem não pode, como Jeremias, ou o galucho do *Rey que rabió* seu homonimo, estar sempre a chorar, sob pretexto de se tornar enfadonho e grotesco.

Com o Carnaval succede muitas vezes que o pandego, o chchéhê, o salsa, o *labardór*, o esturdio e o urso, tem accumulado tristezas durante um anno inteiro, para nos dias de folia tirarem o ventre de miserias. A Republica—porque não dizel-o?—sob pretexto de elevar o povo a uma altura de civismo que a monarquia lhe não dá, tirou-lhe todos os pretextos de divertir-se, tirou-lhe as festas, as romarias, os dias santificados, os feriados, as commoções, e não lhe deu nada que as substituisse.

A romaria foi sempre um grande alívio de tristezas, e só quem não conhece

a vida do nosso povo nos campos e nas aldeias, esquece que entre a nossa gente rustica, só a ideia de uma festa de anno a anno imprime coragem e energia para uma vida trabalhosa e dura. Por outro lado, a facilidade das communicações, os caminhos de ferro, os abastecimentos rapidos, tiraram-lhe as feiras, outro pretexto de diversão e festa. A Republica viu somente nas romarias, nos arraiaes, nos concursos de corétes e de barracas de vinho ao torno e peixe frito á vista do freguez, méros pretextos para manifestações religiosas, e não viu que o que mais solicitava o povo não era o muito que rezava, mas o muitissimo que bebia, foliava, namorava, ria.

A bem da Republica, do mesmo modo que a bem dos homens, seria bom reconsiderar. Não me parece que a um povo que se não diverte, que não gosa, que não ri, possa attribuir-se maior somma de civismo. Chorar muito, soffrer muito, protestar muito, aticar lentamente no coração e na alma aquelle rescaldo de odios e de vinganças que deriva de um mal-estar considerado sem remedio, poderá ser muito civico, mas é muito mais uma espiga, e com ella nada lucra, nem o regimen, nem os que soffrem. Assim, e enquanto não derivam em licença ou em esgotamento, a alegria, como a dysenteria, querem-se livres. Nada de bismutos! Deixem obrar livremente a natureza!

G. de O.

Em Alcoy, os vendedores de fructas e hortaliças não concorreram ao mercado, por questões havidas com o municipio.

Imaginem que estava lá o Amicar. Tinha de se agarrar ao chourico com aquella certeza.

Foi posta á venda em Paris a Marcha da Independência de Venezuela, dedicada ao ministro de Portugal naquella republica sr. Fernão Botto Machado. O que diabo terá o ministro portuguez com a Independência de Venezuela? *Vaya una bromo!* Se a moda pega ha bons 70 annos, tinhamos o himno da carta dedicado ao padre Ignacio!



O Jesuita sombrio que desejaría que o imperdor d'Allemanha viesse dizer duas coisas ao dr. Afonso Costa...



O bem conceituado financeiro que vive da oscillação dos cambios.



As thalassinhas gentis que sonham com D. Manuel.



O Zé:—Oh snr. dr. então não é verdade o que elles dizem por ahi?

O dr.:—Olha bem para as bolinhas de sabão que elles fazem. São só cheias de vento!...

Desenhos de Balha e Mello

BREVEMENTE

odiabo

Feito pelos melhores espiritos de Portugal e do estrangeiro.



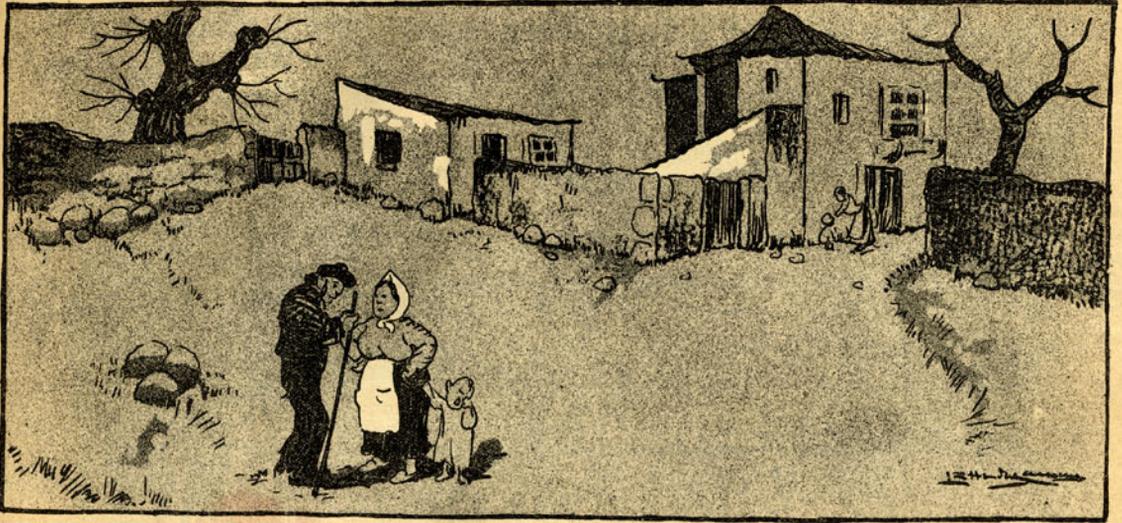
Os meninos bem intencionados que invertem tudo, mesmo os acontecimentos...



O guarda: aquelle que ali está, passa todo o dia a chorar. Julga ser o imperdor da Allemanha!...

Desenho de Poulbot

Estrategia e finanças...



—Eu cá não sei, mas se pelo menos a nossa ida para a guerra nos desse o bacalhau a trez vintens!...

Desenho de *Leat da Camara*

Os jornaes allemães andam como uma bicha por causa das successivas trépas que os subditos do consul de Deus na terra tem apanhado em Verdun.
Se lhes parece! Já nem sequer podem mentir!

Já consta p'ra além do Marne
E nos confins de Callao
Que temos falta de carne,
É — idem de bacalhau.

Deixai-o! Não nos enraivam.
Desde que até pelo Euphrates
Os proprios egipcios salbam,
Que ainda temos tomates!

No ultimo concerto latino da *mairie* do IX bairro, foi recitado por uma actriz do Real Theatro do Parque, de Bruxellas, a *Oração ao pão*, do nosso grande Junqueiro. Foi, como era de esperar, applaudidissima. Imaginem a que ponto subiria o delirio, se a artista, com a *Oração ao pão*, recitasse tambem a *Oração á mantega!* Era de uma pessoa pedir logo um *petit déjeuner* para matar o bicho!

DOIS DEZENHOS DE RAEMAEKERS



A CONSCIENCIA UNIVERSAL

Quem não protesta contra os barbaros metodos da guerra, é seu cumplice!...



A MORTE E A GERMANIA

De Norte a Sul, de Este a Oeste!...

GAZETILHA

Murcho, peiltra, trombudo,
Reles fadista da trama,
O porcalhão do entrudo
Morreu entre vinho e lama
Com pós, seringas e tudo.

Mas algum se que se não cança
E bailes quer, afinal,
Vae pensando outra festança...
E prepara Portugal
Para entrar em nova dança.

D'antes, depois d'ir a terra
O Carnaval cabeçudo,
'Stava a Quaresma na bérra.
Agora, acaba o entrudo
E vamos... entrar na guerra.

Só peço, com alegria,
— N'esta Quaresma travéssa
Feita de pancadaria —
Que venha muito depréssa
O sabado aleluia.

Laz.



Foi n'outro dia, mirando o tecto do theatro ex-D. Maria que me acudiu á memoria a história d'aquelle barbeiro. No tecto, entre varios ornatos quasi tão caprichosos como a memoria d'alguns societarios, ha uns paineis em que se inscrevem varias legendas: *Farça, Drama...* A Comedia e a Tragedia são visinhanas nos paineis como o são na vida e, d'entre tantos casos que affirmam esta ultima visinhança, lembrou-me a scena que presenciei ha tempos n'um barbeiro d'uma cidade de provincia.

Eu tinha entrado para me barbear. Adeante de mim estava um sujeito muito grave e sisudo, tambem de fóra da terra. O Fíguro, quando se erguen

o paciente que tinha entre mãos, com grande vénia offereceu a cadeira das operações ao tal sujeito, foi buscar uma toalha limpa e, apenas a installou em volta do pescoço do freguez, tratou de metter conversa com elle. Começou por abordar o assumpto da guerra, sobre o qual como todo o bom barbeiro que se présa, tinha ideias definidas. Varsovia tinha acabado de cahir em poder dos allemães e, por altura da meia barba, quasi ao virar a esquina do queixo, o mestre escama concluiu que a cousa tinha sido o diabo. N'isto, entra pela porta dentro um homeminho esbaforido, pergunta se alli é que assiste o sur. Fulano, barbeiro e, tendo recebido resposta affirmativa, declara sem mais preambulos que a mulher do mesmo tinha fallecido tres horas antes no hospital, onde entrara para ser operada. O pobre barbeiro cambaleia, empallidece e acaba por cahir n'uma cadeira, de navalha aberta na mão.

O freguez de toalha ao pescoço com meia cara rapada e outra meia cara cheia de sabão mirava pelo espelho o pobre viuvo derrotado e soluçante. A este tempo invadiram a loja senhoras da familia, visinhos do lado, alguns *mirones* que iam passando. O barbeiro começava agora a contar a origem da doença que victimára a fallecida, a reluctancia que tivera em se tratar, os enganos de dois medicos. Como a loja já fosse pequena para o auditorio e o homem succubisse um pouco sob o peso da sua magoa tão legitima, levaram-no para dentro.

O freguez semi-barbeado levantava-se tambem com a toalha entalada no collarinho e passava melancolicamente, sem duvida repetindo *in mente* o estribilho dos catelleiros alfacinhas:

— Quem me acaba o resto?...

A certa altura o barbeiro voltou do

interior amparado a dois camaradões,

que lhe batiam nas costas dizendo:
— Então que é isso? Coragem!

O freguez tomou uma resolução. Avançou para o viuvo com o gesto de quem pergunta: — «Vamos a isto ou quê?» O barbeiro enganou-se na intenção e, cahindo-lhe nos braços, exclamou redobrando de soluços:

— «Muito obrigado a V. Ex.»

Sahi da loja n'esta altura e não sei quem acabaria a barba encetada. Fiquei scismando que se acharia decerto a situação exagerada se fosse incluída n'uma peça de theatro, quando afinal a Vida é o mais audacioso dos autores dramaticos e, a não ser o autor do tecto do theatro ex-D. Maria, ninguém sabe como ella pôr a par a Tragedia e a Comedia.

André Breen

O senhor da Rêde!

(SALILÓQUIO)



— Adheseivoi, sim! Oh! mas não era esta a Republica que eu sonhei.
Desadheseivoi. É que ando preocupado com outra «coisa publica»!...

Desenho de Cristiano de Carvalho

A

EMPRESA do semanario *miau!* decide, a partir d'esta data, augmentar o numero dos seus colaboradores, correspondendo assim ao favôr que o publico lhe tem concedido desde o primeiro numero.

Hoje, temos o prazer de publicar o primeiro desenho do excellent artista portuguez *Christiano de Carvalho*, de nome tão justamente consagrado pela elegante segurança do seu *métier* e pelo elevado conceito das suas legendas.

Nos numeros seguintes do *miau!* encontrarão, os nossos leitores, novos nomes de artistas nacionaes e estrangeiros que virão com os seus respectivos talentos, tornar mais diversa e mais brilhante a folha de critica que tem sido e será este semanario de caricaturas.

No proximo numero 9 do *miau!* publicaremos, entre outras, uma excellent pagina do grande artista francez *Morel*, intitulada *O Papão!* e um artigo de critica á sociedade lisboeta assignado pelo curioso estilista *Aquillino Ribeiro*. Esta cronica tem o titulo pitoresco de *Varanda de Pilatos*.

Vêr no proximo numero desenho de Leal da Camara sobre o conflicto Luso-Allemão.